

## Leia os dois exemplos de resenhas críticas:

### Exemplo 1: resenha crítica:

ALVES-MAZZOTTI, Alda J.; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1999. 203p<sup>10</sup>.

Alda Judith Alves-Mazzotti é mestre em Educação, doutora em Psicologia da Educação, professora titular de Psicologia da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e leciona a disciplina de Metodologia da Pesquisa em cursos de graduação e pós-graduação desde 1975. Fernando Gewandszajder é mestre em Educação e em Filosofia, doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ambos possuem outras obras na área da Educação.

O livro “O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa” tem por objetivo discutir alternativas e oferecer sugestões para estudantes universitários e pesquisadores, a fim de que possam realizar, planejar e desenvolver as próprias pesquisas, na graduação e pós-graduação, utilizando-se do rigor necessário à produção de conhecimentos confiáveis. É constituído de duas partes, cada uma delas sob a responsabilidade de um autor, traduzindo sua experiência e fundamentação sobre o método científico, em abordagens que se complementam.

Na primeira parte, Gewandszajder discute, em quatro capítulos, o método nas ciências naturais, apresentando conceitos básicos como o da lei, teoria e teste controlado. No capítulo inicial, há uma visão geral do método nas ciências naturais e um alerta sobre a não concordância completa entre filósofos da ciência sobre as características do método científico. Muitos concordam que há um método para testar criticamente e selecionar as melhores hipóteses e teorias. Neste sentido, diz-se que há um método científico, em que a observação, a coleta dos dados e as experiências são feitas conforme interesses, expectativas ou ideias preconcebidas, e não com neutralidade. São formuladas teorias que devem ser encaradas como explicações parciais, hipotéticas e provisórias da realidade.

O segundo capítulo trata dos pressupostos filosóficos do método científico, destacando as características do positivismo lógico, segundo o qual o conhecimento factual ou empírico deve ser obtido a partir da observação, pelo método indutivo, bem como as críticas aos positivistas, cujo objetivo central era justificar ou legitimar o conhecimento científico, estabelecendo seus fundamentos lógicos e empíricos. Neste capítulo, são discutidas as proposições de Karl Popper (1902- 1994), de Thomas Kuhn (1922- 1996), e dos mais contemporâneos Lakatos e Feyerabend. Gewandszajder menciona que nos períodos chamados de “Revoluções Científicas”, ocorre uma mudança de paradigma; novos fenômenos são descobertos, conhecimentos antigos são abandonados e há uma mudança radical na prática científica e na “visão de mundo” do cientista. A partir do final dos anos sessenta, a Escola de Edimburgo, defende que a avaliação das teorias científicas e seu próprio conteúdo são determinados por fatores sociais. Assume as principais teses da nova Filosofia da Ciência e conclui que o resultado da pesquisa seria menos uma descrição da natureza do que uma construção social.

O terceiro capítulo busca estimular uma reflexão crítica sobre a natureza dos procedimentos utilizados na pesquisa científica. Destaca que a percepção de um problema deflagra o raciocínio e a pesquisa, levando-nos a formular hipóteses e a realizar observações. Importantes descobertas não foram totalmente casuais, nem os cientistas realizavam observações passivas, mas mobilizavam-se à procura de algo, criando hipóteses ousadas e pertinentes, o que aproxima a atividade científica de uma obra de arte. Visando apreender o real, selecionamos aspectos da realidade e construímos um modelo do objeto a ser estudado. Mas isto não basta: há que se enunciar leis que descrevam seu comportamento. O conjunto formado pela reunião do modelo com as leis e as hipóteses constitui a teoria científica.

No quarto capítulo, Gewandszajder conclui a primeira parte da obra, comparando a ciência a outras formas de conhecimento, mostrando que tal distinção nem sempre é nítida e, que aquilo que atualmente não pertence à ciência, poderá pertencer no futuro. Apresenta críticas a áreas cujos

<sup>10</sup> Resenha adaptada pela professora Magna Campos a partir do texto “O Método Científico”, produzido por Joana Maria Rodrigues Di Santo.

conhecimentos não são aceitos por toda a comunidade científica, como: paranormalidade, ufologia, criacionismo, homeopatia, astrologia. Na maioria das vezes, o senso comum, formado pelo conjunto de crenças e opiniões, limita-se a tentar resolver problemas de ordem prática. Assim, enquanto determinado conhecimento funcionar bem, dentro das finalidades para as quais foi criado, continuará sendo usado. Já o conhecimento científico procura sistematicamente criticar uma hipótese, mesmo que ela resolva satisfatoriamente os problemas para os quais foi concebida. Em ciência procura-se aplicar uma hipótese para resolver novos problemas, ampliando seu campo de ação para além dos limites de objetivos práticos e problemas cotidianos.

Na segunda parte do livro, Alves-Mazzotti discute a questão do método nas ciências sociais, com ênfase nas metodologias qualitativas, analisando seus fundamentos. Coloca que não há um modelo único para se construir conhecimentos confiáveis, e sim modelos adequados ou inadequados ao que se pretende investigar e que as ciências sociais vêm desenvolvendo modelos próprios de investigação, além de propor critérios para orientar o desenvolvimento da pesquisa, avaliar o rigor dos procedimentos e a confiabilidade das conclusões que não prescindem de evidências e argumentação sólida.

O capítulo cinco analisa as raízes da crise dos paradigmas, situando historicamente a discussão sobre a cientificidade das ciências sociais. Enfatiza fatos que contribuíram para estremecer a crença na ciência, como os questionamentos de Kuhn, nos anos sessenta, sobre a objetividade e a racionalidade da ciência e a retomada das críticas da Escola de Frankfurt, referentes aos aspectos ideológicos da atitude científica dominante. Mostra que os argumentos de Kuhn, relativos à impossibilidade de avaliação objetiva de teorias científicas, provocaram reações opostas, a saber: tomados às últimas consequências, levaram ao relativismo, representado pelo “vale tudo” de Feyerabend e pelo construtivismo social da Sociologia do Conhecimento. De outro lado, tais argumentos foram criticados à exaustão, visando indicar seus exageros e afirmando a possibilidade de uma ciência que procure a objetividade, sem confundir-la com certeza.

O capítulo seis apresenta aspectos relativos ao debate sobre o paradigma qualitativo na década de oitenta. Inicialmente caracteriza a abordagem qualitativa por oposição ao positivismo, visto muitas vezes de maneira ingênua. Wolcott denuncia a confusão na área, Lincoln e Guba denominam o novo paradigma de construtivista e Patton capta o que há de mais geral entre as modalidades incluídas nessa abordagem, indicando que seguem a tradição compreensiva ou interpretativa.

O capítulo sete trata da Conferência dos Paradigmas Alternativos, em 1989. Nele são apresentados como sucessores do positivismo:

- a) Construtivismo Social – influenciado pelo relativismo e pela fenomenologia, enfatizando a intencionalidade dos atos humanos e privilegiando as percepções. Considera que a adoção de teorias *a priori* na pesquisa turva a visão do observado.
- b) Pós-positivismo – defende a adoção do método científico nas ciências sociais, preferindo modelos experimentais com teste de hipóteses, tendo como objetivo último a formulação de teorias explicativas de relações causais.
- c) Teoria Crítica, - quando o termo assume, pelo menos, dois sentidos distintos: (1) análise rigorosa da argumentação e do método; (2) ênfase na análise das condições de regulação social, desigualdade e poder.

Encerrando a obra, o capítulo oito realiza uma revisão da bibliografia, destacando dois aspectos pertinentes à pesquisa: (1) análise de pesquisas anteriores sobre o mesmo tema e ou sobre temas correlatos; (2) discussão do referencial teórico. Sendo a produção do conhecimento uma construção coletiva da comunidade científica, o pesquisador formulará um problema, situando-se e analisando criticamente o estado atual do conhecimento em sua área de interesse, comparando e criticando abordagens teórico-metodológicas e avaliando o peso e confiabilidade de resultados de pesquisas, identificando pontos de consensos, controvérsias, regiões de sombra e lacunas que merecem ser esclarecidas. Se posicionará quanto ao referencial teórico a ser utilizado e seguirá o plano estabelecido.

Com estilo claro o objetivo, os autores dão esclarecimentos sobre o método científico nas ciências naturais e sociais, exemplificando, impulsionando reflexão crítica e discussão teórica sobre fundamentos filosóficos. Os exemplos citados amplamente nos auxiliam na compreensão da atividade científica e nos possibilitam analisar e confrontar várias posições, a fim de chegarmos à nossa própria fundamentação teórica, decidindo-nos por uma linha de pesquisa. Mostram-nos a imensa possibilidade de trabalhos que existe no campo da ciência, além de nos encaminhar para exposições mais detalhadas a respeito de determinados tópicos abordados, relacionando autores e bibliografia específicos. Não se trata de um simples manual, com passos a serem seguidos, mas de um livro que apresenta os fundamentos necessários à compreensão da natureza do método

científico, nas ciências naturais e sociais, bem como diretrizes operacionais que contribuem para o desenvolvimento da atitude crítica necessária ao progresso do conhecimento.

A obra fornece subsídios à nossa pesquisa científica, à medida que trata dos principais autores/protagonistas da discussão/construção do método científico na história mais recente, reportando-se a esclarecimentos mais distantes sempre que necessário. Com sólidos conhecimentos acerca do desenrolar histórico, os autores empenham-se em uma argumentação que visa apresentar clara e detalhadamente as circunstâncias e características da pesquisa científica, levando-nos a compreender as ideias básicas das várias linhas filosóficas contemporâneas, bem como a descobrir uma nova maneira de ver a ciência e o conhecimento científico. A abordagem realizada pelos autores exige conhecimentos prévios para ser acompanhada, como por exemplo, saber diferenciar-se “conhecimento” de “informação”, ter clareza sobre os diversos “tipos de conhecimento”, reconhecendo o valor de cada um deles, além de diversas releituras e pesquisas quanto a conceitos, autores e contextos apresentados, uma vez que as conclusões emergem a partir de esclarecimentos e posições a respeito da não neutralidade e da tendência à verdade do conhecimento científico.

Finalmente, com o estudo dessa obra, podemos amadurecer mais, inclusive para aceitar e até solicitar crítica rigorosa, que em muito pode enriquecer nosso trabalho. É de grande auxílio, principalmente, àqueles que desenvolvem trabalhos acadêmicos no campo da ciência social e aos iniciantes no estudo da metodologia científica.

## Exemplo 2: Resenha crítica

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001. 260p.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman, professor emérito de sociologia na Universidade de Leeds, na Inglaterra, é um dos mais prestigiados estudiosos da pós-modernidade; destaca-se por suas análises do cotidiano, do processo de globalização, do consumo e dos vínculos sociais possíveis no mundo atual, caracterizado, segundo o autor, pela velocidade e pela efemeridade.

Usando a metáfora da liquidez, analisa, em seu livro *Modernidade Líquida*, alguns dos pontos centrais para a compreensão do social nos dias de hoje. A obra traça uma distinção entre uma modernidade sólida e uma modernidade líquida. Para o autor, a modernidade sólida é representada pela certeza, pela organização taylorista fabril, por empregos duradouros, por uma concepção territorial de espaço, economia, identidade e política. A modernidade líquida é representada pela incerteza, pelas formas flexíveis de trabalho e organização, pela guerra de informações, pela desterritorialização da política e da economia (globalização) e, sobretudo, pelo processo de individualização. Para marcar as diferenças entre esses dois momentos, Bauman analisa cinco conceitos sociais básicos e suas transformações nesse processo de liquidificação: emancipação, individualidade, tempo/espaço, trabalho e comunidade.

Nessa nova configuração da modernidade, derretem-se “sólidos” (programas econômicos, estruturas sociais) para tentar moldá-los de outra maneira, ainda que efêmera. Segundo Bauman, a solidez das instituições sociais, (do estado de bem-estar, da família, das relações de trabalho, entre outras) perde espaço, de maneira cada vez mais acelerada, para o fenômeno de liquefação. Fluidez, maleabilidade, flexibilidade e a capacidade de moldar-se em relação a infinitas estruturas, são algumas das características que o estado liquefeito conferirá às tantas esferas dos relacionamentos humanos.

A liquefação dos sólidos explicita um tempo de desapego e provisoriedade. O desprendimento das redes de pertencimento social — incluindo aí a própria família — caminha em paralelo com o processo de individualização.

Neste contexto, a cultura do Eu sobrepõe-se à do Nós, e o relacionamento eu-outro ganha ares mercantis, em que os frágeis laços têm a possibilidade de serem desfeitos frente a qualquer desagrado de ambas as partes. Privatizam-se não somente os “serviços” de cunho social (que na

modernidade sólida eram direitos do cidadão), como as próprias parcerias humanas. Relacionamentos voláteis e fluidos remetem a uma sensação de descompromisso, que é muitas vezes associada à liberdade individual.

O outro lado dessa suposta liberdade vem com o crescente movimento de criação de novas patologias, próprias da modernidade líquida. Depressão, solidão, desamparo, isolamento são, no plano do indivíduo, queixas cada vez mais frequentes. Na esfera social, temos as exclusões de toda ordem como sintoma de uma perversa sensação de liberdade e desterritorialização.

Para Bauman, a modernidade liquidificada (e o processo de individualização nela embutido) possibilitou um tal desenvolvimento econômico que oferece diversas alternativas de escolha (consumo), mas que também gerou uma separação entre uma elite com grande capacidade de consumo e uma massa de não consumidores. Pobres, migrantes, imigrantes, homossexuais, feios, gordos, negros e estrangeiros, todos pairam no ar sob o rótulo da exclusão ou, melhor colocado, da inclusão perversa.

A questão da (suposta) liberdade preconizada pela modernidade líquida, torna-se clara a percepção de que ser ou sentir-se livre para ir, vir e desapegar-se é *status* proporcional ao poder de consumo individual. Ter é ser e ser é estar. Na modernidade líquida não há compromisso com a ideia de permanência e durabilidade. Neste panorama, as identidades estão à disposição do consumidor. Ser é, para aqueles que podem, consumir. Aos outros, todos os demais, excluídos perversamente do jogo ter/estar, resta ocupar a posição de “vagabundos”.

Bauman também identifica uma lógica de nessa segregação social e também espacial, decorrente da sensibilidade alérgica aos estranhos e ao desconhecido e da incapacidade de aceitar e cuidar do humano na humanidade, em função da ausência de compromisso com o próximo. O medo instaura-se. A segregação é imposta e escolhida. Opta-se por estabelecer vínculos virtuais. Boa parte dos indivíduos encarcerados em seus apartamentos e condomínios, preocupados em salvaguardar seus bens – materiais e imateriais – não se considera responsável por aquilo que os muros, grades e sistemas de segurança deixam do lado de fora: a miséria do outro, a diferença constrangedora e desagradável do estrangeiro.

O livro *Modernidade Líquida* – com sua divisão em cinco capítulos que facilitam a leitura e a compreensão das ideias desenvolvidas pelo autor – é escrito em uma linguagem clara e coerente com tais ideias e mostra não só a criatividade do autor no uso de uma metáfora clara e adequada para explicar o atual estágio da modernidade, mas também a diferença que Bauman apresenta em relação aos seus contemporâneos, especialmente Giddens e Beck, citados pelo próprio autor ao longo dos capítulos. Há uma convergência na análise que fazem sobre os processos que desembocaram no atual estágio da modernidade. A divergência mostra-se na avaliação da liquidificação da modernidade e dos projetos políticos que devem ser construídos deste momento em diante.

*Modernidade Líquida* é a extensão do pensamento crítico de Zygmunt Bauman que vem sendo desenvolvido em livros como *Globalização: as consequências humanas* (1999) e *Mal-estar da Pós-Modernidade* (1998). Trata-se de um livro cuja leitura é importante para aqueles que procuram compreender as forças que estão tornando a nossa existência mais flexível, mas, simultaneamente, insegura e incerta. Além disso, o texto é uma leitura fundamental para se compreender algumas questões da sociedade contemporânea que afetam as mais distintas áreas das relações sociais e nas quais pese o impacto produzido pelos valores do consumo hodiernamente.